



**‘Na baliza o Buraca
Não valia uma pataca
Alegre quando jogava
Na baliza ele era forte
Que nunca temeu a morte
Dos pontapés que levava’**

(Manuel Sousa Miguel, nasceu em 3.12.1915)



O Estado Português identifica-o como António dos Santos, os ribeirãograndenses conhecem-no como o António ‘Buraca’ do Ideal. Para logo o associarem ao velho guarda redes que reinou sem rival na baliza do seu Ideal do começo do Ideal Novo à fundação do Futebol Clube da Ribeira Grande. É esse o nome pelo qual gosta de ser chamado, usando-o como o mais nobre título nobiliárquico. Apesar de a Certidão de Nascimento referir a Matriz como local de nascimento, dizia-lhe a mãe Dília da Conceição que nasceu na Conceição e que o terá trazido pequenino para o bairro do Curral, na Matriz. O pai chamava-se Manuel ‘Buraca’, ou Manuel dos Santos para o ‘Governo.’ O Bilhete de Identidade diz que nasceu na primeira oitava do Natal do ano de 1919, a Certidão de Nascimento que foi registado a 3 de Janeiro do ano seguinte. Apesar de não saber juntar uma letra, fugia à escola com o Edmundo ‘Garrida’ para ir para a Areia, onde ‘se consolava a jogar à bola e a tomar banho’, era o único tempo que podia roubar à mãe, de outro modo teria de ir à lenha. Apesar de ter sido lenhador, batedor de calçada e cabouqueiro, trabalhou na calçada da estrada da Lagoa do Fogo, o seu desempenho como homem e atleta granjeou-lhe um merecido estatuto de figura tutelar de gerações de Idealistas, ricos, pobres, letrados, analfabetos ou eruditos, que o consideram com ternura seu avô. É tímido, contido, de uma delicadeza rude, à sua maneira um verdadeiro cavalheiro, não guarda rancor ao ‘Marreta’, o adversário que lhe pôs temporariamente em coma. Nem mesmo quando se fala do Ideal e do Sporting, dois dos seus amores mais fiéis e duradouros, se expande. Um parco sorriso ou um ligeiro estugar do passo é o quanto basta para exprimir contentamento. Aprendeu a jogar pelos caminhos com bolas de ‘trapo e de qualquer qualidade. Qualquer coisa servia’. Começou por jogar a avançado mas cedo lhe puseram no seu sítio de eleição: a baliza. Aí era ágil e destemido. Foi levado aos ombros um ror de vezes, dizem os outros, porque é de auto-elogio envergonhado. É do tempo em que jogar num clube significava ser de corpo e alma para todo o sempre do clube. Daqueles que quando

partem deste mundo se sentiriam desamparados se não levassem a bandeira do clube a amortilhar-lhes o caixão. Daqueles que, em todas as ocasiões, nas boas e nas más horas, só com a sua presença, sou disto testemunha, confortam-nos na derrota e vitoriam-nos no sucesso. É o Idealista mais homenageado, embora não tenha sido oficialmente alvo de qualquer homenagem. Talvez a sua mais genuína e sincera homenagem tenha sido o susto, há pouco, sentido pelos Idealistas da diáspora, receando que o insidioso boato que circulava acerca do seu falecimento fosse verídico. Como prova da sua presença entre os vivos, obrigaram-no a ir tirar uma fotografia à esquadra da polícia. A custo, confessa que ficou ‘uma niquinha’ assustado quando viu o jipe da polícia à porta. Noémia, de pé, ao lado do marido sentado numa banqueta de ‘crica’, atenta às diabruras de dois bisnetos rebeldes, é quem diz que terá sofrido o seu maior desgosto em 1956 quando se formou o Ribeira Grande e ele, por ter ido para a Areia em vez de ir para a escola, não pôde ser o guarda redes. Motivo, aliás, dizem-nos, porque não terá chegado mais longe. O desgosto fê-lo até prometer deixar de ir ao campo. Promessa que foi lentamente quebrando porque o bichinho da bola e a sua maneira de ser tolerante foram mais fortes. Era o irmão varão, não havia fuga possível. Havia o Olivério, quase dez anos mais novo (nasceu: 7.05.1929), que morreu fulminado por uma congestão aos 33 anos (10.09.1962), enquanto partia pedra na ribeira, junto ao moinho da ponte dos oito arcos, a dois passos da casa onde nascera, jogaram juntos no Ideal, pai de outro ‘Buraca’, Carlos Santos, que defendeu por largos anos com igual galhardia e segurança a baliza do Ideal, e avô de outro, Artur Santos, junior do Sport Lisboa e Benfica. Tem ainda a irmã Beatriz, uma lúcida nonagenária que reside nos Estados Unidos. Enquanto duas bisnetas esperam para breve a vinda de mais dois filhos, Noémia Dias Branco, com quem casou na igreja de São Pedro, Ribeira Seca, a 17 de Novembro de 1947, e com quem partilha desde então a casa n.º 36 da rua António Augusto da Mota

Moniz, deu-lhe cinco filhos: Beatriz, como a tia, a residir no Canada, Dília, como a avó, na Ribeira Seca, Maria do Espírito Santo e António Humberto, na Matriz e Ricardo, na Ribeirinha. Os filhos já lhes deram dezassete netos e os netos onze bisnetos. O maior susto do seu tempo de futebolista ocorreu quando o ‘Marreta’, jogador do rival Águia, que habitualmente se mantinha pela defesa, na altura em que os defesas por lá ficavam, decidiu, não se sabe bem como, ir à frente, e como a querer fazer jus ao seu apelido, lhe desferir uma valente ‘marretada’ na cabeça, tão violenta que só se lembra de dar cor a si, apesar de lhe terem depois dito que, para o tentarem reanimar, o enfiaram no bebedouro das vacas, no clube, deitado ao comprido no chão, rodeado por muita gente, com o Hermenegildo a tentar aliviar-lhe da ‘sua’ camisa. Muito povo lá fora da rua e a mãe, disseram-lhe depois, em casa aos gritos de ‘o meu rico filho está morto!’ Todos os da terra, Idealistas ou não, recordam o episódio e todos contam o que fizeram e onde estavam na altura. Muitos recriminam o agressor, porém, António ‘Buraca’ diz que ‘faz parte da bola.’ A sua maior alegria sucedeu no dia em que golearam o Águia por cinco a zero e em que, como prémio, foram para as Caldeiras ‘comer um carneiro oferecido pelo Martiniano Faria.’ Segundo as más línguas do rival teria sido

roubado nas Furnas. E de uma outra vitória, em que também ganharam por números igualmente expressivos, e foram comer um vitelo oferecido pelo ‘Remualdo’. Passearam o carneiro pintado de verde e branco pelas ruas numa algazarra tremenda, até os testículos lhe pintaram, não deixando ninguém indiferente, parecia o Carnaval, indo mesmo fazer ‘negaças’ junto à porta do Manuel ‘Capelas’, cabeça do Águia, que também as sabia fazer, e que num esforço de contido desportivismo acenava à comitiva, se calhar a congeminar a próxima vingança. Foi como se o Ideal tivesse ganho a Liga dos Campeões. Foi um dos muitos troféus comestíveis celebrados por ambas equipas. Regista também, como se fosse ontem, o dia em que Mestre Manuel da Costa Morais lhe foi tirar as medidas para as suas primeiras botas, estava ele no quartel de São João, em Ponta Delgada, ou o dia em que o Manuel Correia e o Manuel ‘Milho Cozido’ lhe deram o equipamento de guarda-redes do Ideal antigo, que tinha sido do Bernabé, comprado ao Gildo Paiva. Esteve 9 meses para um ano no quartel de São João e o restante dos seus três anos de serviço militar nas Furnas. Era tratador de ‘garranos’. Ainda hoje, mantém-se activo, vê invejavelmente bem, só se queixa de uma ligeira surdez, todos os dias atravessa a ponte dos oito arcos para ir à casa dos filhos buscar a lavagem com que engorda dois porcos e quando está bom tempo debruça-se no mainel da ponte ou encosta-se ao canto da rua a ver passar ‘os carros’ ou a ‘arejar’ com os amigos. Verão ou Inverno, quer chova ou faça sol, não é homem de muitos agasalhos, além dos necessários, bastam-lhe um pequeno casaco e um boné. E o seu bigode impecavelmente aparado.



TALHO E SALSICHARIA

I D E A L

Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos



Crónica da inauguração do 'Estádio do Rosário'

“Os senhores Tomaz Ferreira de Viveiros e José Peixoto d’Oliveira, dois novos cheios de vontade e a quem os desportistas Ribeiragrândenses, muito ficam a dever, numa visão clara do papel que no futuro está reservado ao desporto, tiveram a feliz iniciativa de tomarem de arrendamento, a longo prazo, um cerrado de 15 alqueires de terra, sita no Rosário desta vila, para nele construírem um «Estádio», cujo campo de foot-ball foi inaugurado no passado Domingo, 22 do corrente.

Nos tempos de feroz e desenfreado egoísmo que atravessamos, é consolador constatar iniciativas deste género, e ver que há homens que, arrostando com a indiferença e a ingratidão do meio e com a crise económica que se está fazendo sentir, se abalançam a uma empresa destas, que demanda da muita força de vontade e muito sacrifício.

O rectângulo para foot-ball, agora inaugurado, fica sendo o maior dos Açores, - pois é maior ainda que o do campo de Jogos do Liceu de Ponta Delgada, - pretendendo os proprietários do novo «Estádio», ao que nos consta, construir outros, para Volley - ball, bilro, etc. etc.

A festa de inauguração do «Estádio do Rosário» foi singela mas grandiosa, pela quantidade e qualidade das pessoas que lhe deram o seu concurso, tendo o tempo contribuído também para o seu maior brilhantismo, emprestando-lhe uma tarde primaveril.

Devido á pequenez do nosso jornal, não podemos fazer uma desenvolvida reportagem do que foi essa festa, limitando-nos a deixa-la arquivada nas colunas da «Razão», muito resumidamente.

Tendo-se reunido na Sociedade Instrução e Recreio, os convidados dos proprietários do «Estádio», organizou-se ali um cortejo, no qual tomaram parte, além daqueles convidados, a Liga Desportiva Ribeiragrândense, os «Onze», devidamente equipados, do «Ideal Sport Club» e «Águia Sport Club» com as suas madrinhas, respectivamente a menina Arménia Raposo Cabral Botelho, gentil filhinha do nosso amigo o Sr. António Jacinto Cabral Botelho e a menina Maria Margarida Machado, as duas bandas locais, «Triunfo» e «Voz do Progresso» que durante todo o percurso executaram bonitas marchas, e muito povo. Chegando o cortejo ao «Estádio», subiram ao ar muitos foguetes procedendo-se em seguida ao match de foot-ball entre aqueles dois clubs «Águia» e «Ideal».

Depois da tradicional troca de ramos, deu o pontapé inicial, a madrinha do «Estádio», menina Maria da Conceição Moniz Ferreira, filhinha do Sr. Tomaz Ferreira de Viveiros, que trajava um original vestido, com as cores dos clubs antagonistas.

Certamente por estranharem a grande extensão do campo e o seu piso, que não está ainda suficiente endurecido, ambos os teams não fizeram o jogo que costumam desenvolver, o qual decorreu sem interesse, faltas de técnica, terminando por um empate de Zero a Zero.

A arbitragem a cargo do Sr. Manuel de Souza Claudino, agradeu, apesar de ter algumas deficiências, próprias de quem arbitra pela primeira vez.

As duas referidas filarmónicas «Triunfo» e «Voz do Progresso», tocaram durante o desafio algumas peças do seu variado repertório.

Felicitando os desportistas Ribeiragrândenses pelo magnífico «Estádio» com que esta vila ficou dotada e que há tanto tempo ambicionavam, felicitamos também os Srs. Tomaz Ferreira de Viveiros e José Peixoto d’Oliveira, pela sua bela e arrojada iniciativa desejando-lhes as maiores felicidades.” (Jornal “A Razão” 31 de Outubro de 1933)

Nota: Segundo uns, o Estádio do Rosário ficaria nos actuais terrenos do Posto Agrícola, de acordo com Rolando Almeida, genro de Tomás Ferreira Viveiros, funcionário reformado do Posto Agrícola, onde trabalhou o guarda-redes do Águia e do Ideal do tempo do citado estádio, Manuel Barnabé, seria nos terrenos que delimitam a Nascente, subindo até ao Asilo Escola Agrícola, a rua Cónego Cristiano. Portanto nos terrenos ao lado do Posto Agrícola. Por duas razões. Primeiro porque foi a sogra que o vendeu ao Asilo, segundo porque Manuel Barnabé o confirmara.’



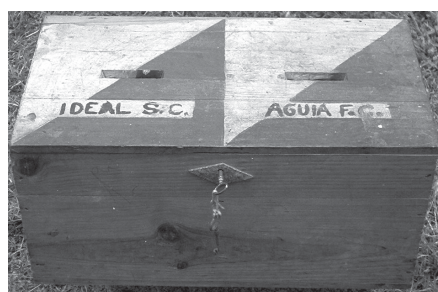
Equipas do Ideal Sport Club e Águia Sport Club defronte da Recreativa, no dia 22 de Outubro de 1933 (?), antes da inauguração do Estádio do Rosário. Reconhecem-se, de acordo com os testemunhos, os seguintes jogadores: Ideal: Manuel Gaspar, Rita, José Maroto, Carreiro, Hermano Grota e José Faia; Águia: Humberto Câmara.



José Peixoto Oliveira: co-proprietário do Estádio do Rosário



Tomás José Ferreira de Viveiros: co-proprietário do Estádio do Rosário



Caixa utilizada pelo Ideal e Águia para guardar o produto das entradas.



Um dos locais prováveis do antigo Estádio do Rosário. O outro situa-se a poente deste

Em busca do Ideal II: a memória escrita

Do renascimento à fusão: 'Ideal Novo'

Fracasso do Ideal Velho'

Sete dias após a participação no jogo inaugural do Estádio do Rosário, o *Ideal Sport Club* empata a três bolas com o *Estrela Sport Club*, um dos clubes filiados na Liga Desportiva Ribeira-grandense. A 12, desloca-se à Vila da Lagoa, onde frente a um clube local, a notícia não especifica qual, ganha por três a um.² A 5 de Novembro derrota por cinco a zero o estreante *União Ribeira Grandense*,

membro da referida Liga.³ A 26, vence por sete a zero o '*Ribeirinha S.C.*', outro membro da Liga. [Será o Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha?].⁴

No dia 1 de Janeiro, de 1934, empata a zero bolas com o *Estrela*, e no dia 6, perde por um a zero com o *Águia Sport Club*, igualmente membro da referida Liga.⁵

A 12 de Janeiro de 1934, alegando motivos de saúde, em declaração publicada no jornal *A Razão*, de 31, embora reconhecendo a boa camaradagem que sempre

encontrara no clube, Arsénio da Silva Bravo pede a sua demissão da Direcção do *Ideal Sport Club*.⁶ A partir desta data silenciam-se as fontes.

Fracasso da Liga Desportiva Ribeira-grandense

A 21 de Abril de 1933, Fábio Moniz de Vasconcelos, Presidente da então recém criada Liga Desportiva Ribeira-grandense, comunicava à congénere Associação de

Futebol de S. Miguel (fundada a 14 de Abril de 1923,⁷ tendo sido inscrita na Federação Portuguesa de Futebol a 4 de Novembro daquele ano) a existência daquele novo organismo desportivo. Segundo o subscritor do ofício, dedicar-se-ia 'à prática, organização, divulgação e fiscalização de todos os desportos, nomeadamente o foot-ball, que é o que, com mais intensidade, se pratica(va) nesta vila.'⁸ Apesar de não vir de modo explícito, uma das razões óbvias, seria a de evitar

aos grupos locais as despesas com as deslocação para fora da Ribeira Grande. Equipas ribeirgrandenses tinham estado na década de vinte e início da de trinta, desde os primórdios, filiadas na Liga Micaelense ou na Associação de Futebol de S. Miguel, ambas sediadas em Ponta Delgada, nomeadamente, o Pátria Futebol Club, o Águia, o Praia, o Artista e o Estrela. Algumas mudaram da Associação para a Liga Micaelense. Intervieram nas querelas havidas entre ambos organismos. Seria igualmente uma tentativa não só de pôr a resguardo o desporto local de questões alheias mas também de tentar adaptar medidas à altura de necessidades específicas do futebol da Ribeira Grande. A Razão, de 31 de Outubro, publicou o elenco directivo para a época que então se avizinhava. A saber: '(...) Srs. Hermano da Mota Faria, presidente, Viriato da Costa Madeira, António Augusto da Mota Moniz, António Jacinto Cabral Botelho, Manuel da Souza Oliveira, Agostinho da Costa Feio e Francisco Justino Machado' e adiantava que esta tinha tido 'a sua primeira reunião no dia 19 do corrente, deliberando ao que nos consta marcar as suas sessões semanais às quartas-feiras pelas 20 horas e convidar os clubs filiados a pedirem a inscrição dos seus jogadores para o que enviarão as respectivas listas nominais, só depois do que organizará o calendário dos jogos e promoverá um campeonato local.'

Foi sol de pouca dura, pois, no mesmo jornal, de trinta de Novembro de 1933, sem que a autoria aí venha referida, mas talvez da lavra do próprio Director do jornal e Presidente cessante da Liga, esclarecia-se que 'por divergências surgidas entre a Liga Desportiva Ribeira-grandense e alguns dos clubs seus filiados, motivadas por razões de *lana caprina*, foi dissolvida aquela agremiação, passando os seus poderes para os proprietários do Estádio do Rosário [...]'¹⁹

Fora desferido um rude golpe nas aspirações desportivas locais. No 'O Distrito de 2 de Dezembro daquele mesmo ano, adiantava-se, todavia, que o mal entendido entre os clubes e a Liga Desportiva Ribeira-grandense havia, para bem de todos, sido ultrapassado. Efectivamente, em Janeiro de 1934, Francisco Justino Machado, membro da Direcção, aproveitando a cerimónia da inauguração da sede do União Ribeira-Grandense, na qual foi orador convidado, exprimiu a absoluta necessidade de se reorganizar a referida Liga.¹⁰ Não obstante a sua louvável intenção, esta extinguir-se-ia antes de Junho de 1934.¹¹ Sobrevivera, arrostando com as pressões dos clubes filiados, talvez de Abril de 1933 a Junho de 1934, ainda que a Liga surja representada no dia da inauguração do 'Estádio'. Restava a esperança de que a futura empresa proprietária do campo projectado para o Rosário pudesse dinamizar o futebol na Ribeira Grande.

Necessidade de um campo decente: o



29 de Junho de 1951, acto inaugural do Campo Municipal de Ribeira Grande

Estádio do Rosário

O Diário dos Açores, de 8 de Julho de 1933, fez constar que o *Águia Sport Club* estaria construindo um novo campo de futebol.¹² Se esteve, porém, não o concluiu ou não passou de mera intenção, pois, quem o levou a efeito, conforme o Correio dos Açores, de 8 de Outubro daquele ano, foram os senhores Tomás Ferreira de Viveiros e José Peixoto de Oliveira, no Rosário, destinado '[...] principalmente (a) Foot-ball, com as dimensões de 98 metros de comprimento por 70 de largo, ficando concluído durante este mês.'¹³ Como veio a suceder no dia 22 de Outubro, Domingo, pelas 15 horas, numa linda tarde primaveril, num prédio pertencente ao Sr. Tomás Ferreira de Viveiros.¹⁴ A Razão, por seu turno, refere que Tomás Viveiros e José Peixoto de Oliveira, haviam tomado de arrendamento a longo prazo 15 alqueires de terreno. Regozijando-se pelo facto de, não obstante o egoísmo desenfreado e da crise económica que se fazia sentir, arrostando com a indiferença e a ingratidão do meio, terem tomado aquela iniciativa. O 'Estádio do Rosário', então inaugurado, ficava sendo o maior dos Açores, maior ainda que o do campo de Jogos do Liceu de Ponta Delgada.

Pretenderiam os proprietários do novo «Estádio», ao que tinham feito constar ao autor da nota, construir outros, 'para Volley – ball, bilro, etc. etc.'¹⁵

Fracasso do Estádio do Rosário

Mas, tal como diz o povo na sua infinita matreirice, 'casa em que não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.' Dois meses e alguns dias após a inauguração do 'Estádio do Rosário', a 9 de Janeiro de 1934, Agostinho da Costa Feio, representante do *União Ribeira-grandense*, Luís da Silva Melo, do *Estrela Sport Club* e Gildo Furtado Paiva, do *Ideal Sport Club*, o representante do *Águia Sport Club* não assina, propõem à empresa Tomaz & Peixoto a redução da percentagem a pagar pela sua utilização. Em seu entender, esta não deveria exceder 25%. Excepção feita às despesas com a marcação do campo, as restantes deveriam ficar a cargo dos clubes. Ou então, caso a empresa discordasse, continuaria a ser 1/3 para cada parte, cabendo a esta, neste caso, o ónus com as despesas necessárias. E lançam uma ameaça: caso não seja possível chegar a um entendimento, o desporto na Vila acabaria.¹⁶ Deste modo, por divergências e outras dificuldades, a 17 de Julho de 1934, só o

Águia Sport Club continuaria activo no Estádio do Rosário. Os demais grupos, segundo José Peixoto de Oliveira, co-proprietário do Estádio do Rosário, estariam em estado de desorganização, pois, '(...) sem uma Liga a orientá-los, acabou por reduzi-los a um só – o *Águia Sport Club*.¹⁷

Em carta manuscrita assinada, mas não datada, pelos proprietários do Estádio do Rosário, dirigida ao Director do Correio dos Açores, intitulada 'Em resposta', não sabemos se chegou a ser publicada, por certo próxima deste período conturbado, em resposta a um 'Comunicado' da Direcção do *Ideal Sport Club*, que também desconhecemos, estes defendem-se de duras acusações. A de cobrarem percentagens 'judaicas', outra e a da 'ilegalidade em castigarem o Ideal ao dar a outro grupo o dia destinado a ele'. Alegaram em sua defesa, que retiravam 1/3 do produto líquido das entradas, exceptuando as despesas de marcação do campo, limpeza e do auferido por um porteiro, pelo que consideravam justa e realista a percentagem cobrada. Segundo eles, não se trataria de castigo, mas tão-só de realismo, já que o Ideal tentara fazer greve aos jogos. Assim, seria lícito substituí-lo por outro mais 'razoável.' Adiantam ainda o putativo mau carácter da Direcção do Ideal, acusando-a de principal culpada, em contraste com a simplicidade dos seus atletas, acrescentando que teria sido esta que, ao propor 'cortejos fúnebres' diante da sede da Liga Desportiva Ribeira-grandense, e ao propor 'uma greve revolucionária aos jogos', teria contribuído para o fracasso da Liga. Também eles previam o fim do futebol na Ribeira Grande.¹⁸ Não conhecemos resposta dos membros da Direcção do Ideal ou dos restantes grupos.

Seja como for, a 17 de Julho de 1934, disputa-se o derradeiro jogo no Estádio do Rosário. A partida teve como contendores o *Águia Sport Club* e o *Vingador Nacional Sport Club*, de Ponta Delgada, resultando em um empate a duas bolas.¹⁹ O sonho do Estádio do Rosário, face à incapacidade das partes envolvidas de se entenderem numa difícil conjuntura económica, resistira menos de sete meses. José Peixoto de Oliveira, já após a ocorrência, em conversa mantida com o Director do jornal O Distrito, esclareceu que não teria sido pela falta de energia da empresa, mas pela falta de público que a crise económica que então se atravessava explicava. E repetindo o que antes escrevera, além do desinteresse motivado pela desorganização dos clubes, que, sem a Liga a orientá-los, acabou por ficar reduzido ao *Águia*. Ainda assim, a empresa tentara viabilizar o projecto recorrendo a grupos de Ponta Delgada. E continuava a explicação: 'Todavia, o regulamento da Associação de Foot-Ball de Ponta Delgada, não permitia a deslocação dum só team a jogar com o *Águia*, mas sim de dois grupos seus filiados, o que ocasionava grandes despesas de transporte,

- > Roupas de criança
- > Lingerie
- > Roupas de senhora
- > Sapataria
- > Peles

NANA

Rua Sousa e Silva n.º 58
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
Tel.: 296 474 563

MODE

percentagem para a referida associação, etc. De tudo isto, resultou um avultado prejuízo e assim tomou a empresa a resolução de cultivar o 'campo', e passar a explorar o cinema ao ar livre no Cine-Avenida que, como já dissemos, noutra reportagem, inaugura brevemente a sua época de Verão.²⁰

Finda a Liga, com o estádio transformado em 'batatal' ou 'milheiral', sem qualquer recinto desportivo digno do nome, impedidos de utilizar o miserável campo das reses, o futebol na Ribeira Grande havia perdido uma oportunidade única de aproximar-se do de Ponta Delgada. Teria de percorrer um penoso calvário até aos sucessos de finais da década de sessenta. Desperdiçara-se um campo que, de acordo com A Razão, seria dos melhores se não o melhor do arquipélago.

Renascimento: Ideal Novo

Após o derradeiro jogo a 17 de Julho de 1934, só a 9 de Março de 1941 recomeçam na comunicação social as referências à prática do futebol na Ribeira Grande. O que não quer dizer que não se praticasse futebol. Em 41, chegara à ilha os primeiros contingentes do corpo expedicionário do exército português. Aos seus efectivos, sem dúvida, se deve o novo fôlego dado ao futebol da ilha. Ao contrário do que sucedera no Campeonato de Futebol de Vilas e Aldeias, organizado pelo Sr. Manuel Albano Botelho de Medeiros, em que o Águia participara, chegando à final onde foi derrotado pelo 'São Pedro', da Vila da Lagoa, nos de 1938 e de 1940, em que participaram grupos dos mais recônditos cantos da ilha, da responsabilidade do mesmo organizador, não participou nenhuma equipa da Ribeira Grande.²¹ Aliás, neste terceiro campeonato, de 1940, participou o Águia Sport Club, mas dos Arrifes.²² Foi um período de crise e de estagnação. Segundo João Luís Medeiros (Testemunho, 4.10.1996), terá existido um grupo conhecido em Ponta Delgada como o 'Grupo dos Padeiros', no qual teria jogado, entre outros Humberto Câmara (Capelas), tendo este disputado jogos em Ponta Delgada. Isto em data



Equipa do Ideal que inaugurou o Campo Municipal

posterior a 1934 e anterior a 1941.²³ De acordo com o mesmo testemunho e os de António dos Santos e Aureliano Morgado, entre outros, jogava-se em 'serrados'. Só mais tarde, a memória não o retém com precisão, teriam ido pedir autorização ao Sr. Faustino de Lima, Vereador da Câmara Municipal de Ribeira Grande, de utilização do Campo das reses. Datará deste período o embrião do Ideal Novo. De acordo com Manuel Correia da Silva (nasceu em 15.11.1921), Aureliano Morgado e António dos Santos, terá tido, entre os que se recordam, a mão do primeiro e de Manuel Milho Cozido (aliás, Manuel Moniz Soares de Melo), ao tempo rapazes em idade de cumprir o serviço militar. Posteriormente, tanto quanto a memória alcança, numa fase decisiva de arranque, entraram Manuel da Costa Morais, Guilherme do Rego e Manuel de Sousa Pereira, do núcleo duro do Ideal Velho, à excepção do segundo. Até mesmo Arsénio da Silva Bravo, ao tempo enfermeiro em Ponta Delgada, reaproximou-se do clube.

Seja como for, a primeira referência à prática do futebol conhecida vinda nos jornais, após a referida pausa, surge a 9 de Março de 1941, como vimos. José Pereira da Silva, correspondente local do Diário dos Açores, seu autor, analisa as causas do malogro passado e aponta com

ponderação o rumo a trilhar para um desenvolvimento desportivo seguro: '(...) voltou a jogar-se futebol, nesta vila. O entusiasmo por tão interessante desporto foi enorme e a concorrência extraordinária, não admirando que tal acontecesse depois da longa interrupção, por alguns anos do futebol. Conhecem-se as causas que deram cabo do futebol entre nós. Primeiramente deparamos com uma pernicioso abundância de Clubes, que só servia para dispersar bons elementos e, em segundo lugar, verifica-se a falta de atenção, por parte dos mesmos grupos, aos seus elementos técnicos e directivos. Agora que o futebol ressurgiu, convém dar-lhe nova e verdadeira orientação e não pensar-se em possuir mais do que os grupos necessários, conscienciosamente preparados. Ainda temos bons elementos dispersos. Porque não reuni-los já, e formar mais um grupo? Não nos parece desacertada a ideia, tanto mais que traria maior entusiasmo ao público e dar-nos-ia a certeza de termos todos os domingos futebol, coisa que não acontecerá se tivermos um só grupo como agora.'²⁴ Nesta data o *Ideal Sport Club* derrotou por 5 a 2 o *Recreio Capelense*.²⁵ José Pereira da Silva, que alvittrara a formação de uma segunda equipa na Ribeira Grande, noticia a 6 de Abril, o

reaparecimento do *Águia Sport Club*: '(o) desafio de domingo passado [6 de Abril de 1941], embora prejudicado pelo mau tempo, interessou muito. Encontraram-se o *Clube Desportivo Santa Clara* e o *Águia Sport Club*, desta vila. O resultado, que foi favorável ao Santa Clara, foi muito honroso para o nosso grupo, que jogava pela primeira vez com um grupo experimentado, conseguindo ainda assim o resultado de 2-3 pontos.'²⁶

Intriga-nos o facto de ter ressurgido o Ideal, um grupo, que como vimos foi efémero, e não o *Artista Sport Club* ou o *Estrela Sport Club*, ambos da Matriz, e mais anteriores ao Ideal. Só podemos especular. O Artista usava uma camisola branca e azul e calções pretos, por seu turno, o Estrela, camisola branca e preta e calção preto. Veremos isso em detalhe em próximo artigo. O Ideal, como vimos em artigo anterior, por acaso 'encontrara' camisolas verde e brancas. O Sporting Club de Portugal, verde e branco, havia vencido o seu primeiro Campeonato de Portugal na época de 1937-1938. Será pelo facto de, alguns dos fundadores do Ideal Velho e refundadores do Novo, entre outros, Manuel da Costa Morais, Manuel de Sousa Pereira, ou Guilherme do Rego, irmão de Manuel Rego, serem sportinguistas? Será ainda pelo facto de o Ideal ser considerado símbolo da Matriz, enquanto que o Águia o era para a Conceição? E sendo este último vermelho, da cor do Benfica e do Santa Clara, o Ideal, sendo rival, teria de ser verde, cor do Sporting e do União Desportiva? Alguns dos inquiridos dizem-nos que sim. Ou será devido aos sucessos do União Sportiva? Fora Campeão Açoriano em 1928, também verde branco, com quem o Ideal participou a 27 de Setembro de 1941 numa Festa Desportiva de homenagem ao Presidente da Câmara de então, Dr. Lucindo Rebelo Machado? Precisamente a segunda alusão conhecida ao Ideal após o reinício. O Águia reiniciou-a defrontando o Santa Clara. Terão estes factos pesado no ressurgimento do Ideal e não do Artista ou do Estrela? Creio que haverá um pouco do que sugerimos. Segue-se para o Ideal, além do referido

Quinta de S. Pedro

Venda de plantas ornamentais
Visite-nos às Sextas e Sábados



Rua Nova, 3 Rib. Seca - Rib. Grande
Peter Healion - Telm. 917018729 - Tel 296477251

NE
New Fashion

Abriu recentemente na cidade da Ribeira Grande
Rua N.ª Sr.ª da Conceição, 101

New Fashion

Novidades! Tecidos, rendas, cortinados, lingerie, retrosaria, lãs, bijuteria

7 de Julho, Dia do Comércio

EXPOSIÇÃO A ESTRELA ORIENTAL

Sociedade Filarmónica Voz do Progresso
Rua N.ª Sr.ª da Conceição

encontro com o União Sportiva, outros jogos disputados com adversários formados por elementos do Corpo Expedicionário: Sapadores Mineiros e Galgos. Este período, apesar da rivalidade doentia entre Águia e Ideal, é caracterizado por um desejo de renovação do futebol local. Além de novos atletas, pensa-se intensamente na construção de um campo de futebol alternativo ao condenado campo das 'reses'.

De novo o desejo de um campo decente:



Caldeiras, inícios da década de 40: a boda do carneiro. Da esquerda para a direita: Hermano Tachinha, Abel Soares, Manuel Moço, José Maroto, (?), Manuel Sousa, (?), (?), Carlos Cristiano, (?), (?), Zélia Araújo, José Joaquim Pereira e Mariano Correia. Fotografia de Mariano Correia.

Campo de Jogos Municipal

Ter-se-á concluído pela experiência amarga do Estádio do Rosário, até por norma imposta pela Associação de Futebol de Ponta Delgada, que, para elevar o desporto da Ribeira Grande ao nível do de Ponta Delgada, ou simplesmente ter algum futebol que valesse o nome, ser a construção de um novo campo ou a remodelação do das reses assunto incontornável. Existiam equipas com elencos directivos empenhados e atletas de valia de sobra, mercê, sobretudo, de estarem aquartelados na ilha diversos corpos das Forças Armadas Portuguesas, mas não havia um recinto desportivo adequado. Já não privado, pois ficara provado à saciedade que as receitas não dariam para as despesas, mas por iniciativa do poder público autárquico. Logo em 1941, surgem na imprensa os primeiros ecos desta pretensão. O alerta vem publicado no jornal *A Ilha de Março*: 'Pedem-nos algumas pessoas da R. Grande para que chamemos a atenção a quem compete para o lastimável estado do Campo de Futebol que assim numerosas condições favoráveis oferece aos desportistas e muito menos aos espectadores.'²⁷ Logo depois, em Dezembro de 1941, em artigo assinado pelas enigmáticas iniciais M.A., defende-se a construção de um novo: 'É de lamentar que, tenhamos de assistir, aos desafios, num mercado de gado, de dimensões exíguas, cheio de pedras e covas, constituindo assim um grave perigo para a saúde daqueles que se dedicam à única modalidade de desporto nesta terra. [...] Porque não poderá a Ribeira Grande, vila das mais populosas do País, possuir um campo de jogos apropriado?'²⁸ Afinal, o *Diário dos Açores* de 15 de Janeiro, revela a identidade do proponente, o Prof. Manuel António Cansado, de fresco chegado à ilha: 'A ideia lançada neste jornal por um nosso distinto colaborador, o Sr. Manuel António Cansado, para que aqui se faça um campo em condições,

encontrou o melhor acolhimento, e julgámos possível, pela marcha que as coisas tomam, que dentro em breve isso seja uma realidade.'²⁹ Apesar do burburinho desencadeado pela campanha pública levada a cabo nas páginas de diversos jornais de Ponta Delgada, motivo de conversa nos raros cafés locais, nas tendas e tascas locais, em 1934 *A Razão* havia suspenso a publicação, apesar de a autarquia ter deliberado em Fevereiro de 1947 a construção de um novo recinto desportivo, só na

sessão de 24 de Agosto de 1949, no seu Plano de Actividades, delibera dar seguimento ao acordado em Fevereiro de 1947. E nela se explicava: '(...) por só, agora, haver possibilidade de terreno adequado entre a Fábrica e a Ribeira Seca.'³⁰ De facto, a 23 de Novembro de 1949, o Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, informava a Câmara de que havia celebrado contrato de arrendamento com os senhores Dona Maria Josefa Gabriela Borges de Sousa Jácome Correia Hintze Ribeiro e seu marido, Dr. Ernesto Hintze Ribeiro, e outros, no prazo de três anos, renovando-se por períodos anuais.³¹ A 11 de Dezembro de 1949, iniciam-se as obras do Campo de Jogos.³² A Ilha, de 17 de Dezembro, dá a mesma notícia acrescentando pormenores: 'fica num terreno de 29 alqueires, medirá 105x70 metros e terá bancadas e camarotes, por baixo dos quais ficarão balneários, vestiários, arrecadações e instalações sanitárias. O Campo ficará situado à entrada da Vila junto à antiga Fábrica do Álcool e o seu projecto pertence ao Sr. Arquitecto Francisco Quintanilha.'³³ A 29 de Junho de 1951, numa sexta-feira, dia de Cavalhadas, inaugura-se, com toda a pompa e a circunstância que o acto exigia, o novo e actual Campo de jogos Municipal de Ribeira Grande.³⁴ Ainda que parte do projecto só muito mais tarde tenha sido executado. O campo acabou por medir '110x64' e deveria 'depois de lhe serem feitas as bancadas e camarotes ser um bom campo.'³⁵ O *Diário dos Açores* elege-o, apesar de tudo, como 'o melhor (recinto desportivo) da ilha de S. Miguel.'³⁶ O articulista do *Correio dos Açores*, em tom de desabafo, comentava: 'longas décadas de espera, tiveram os rapazes que se dedicam ao futebol, para conseguirem fugir ao perigoso terreno do campo de venda de gado (...) onde com a maior facilidade podiam ver um dos seus elementos atacado do terrível mal do tétano.'³⁷ Fora madrinha do novo recinto Isabel Maria Rego Lima

da Mota Faria, filha do Presidente da edilidade, Sr. Hermano da Mota Faria.³⁸ Tarde é o que nunca chega; esperara-se cinquenta e dois anos para ter um campo adequado à prática desportiva e haveria de esperar-se mais três décadas para o ter iluminado, relvado, com bancadas e balneários. Mas sem pista de atletismo e com muitas alterações ao projecto inicial. O jogo inaugural, tal como havia sido o caso para o Estádio do Rosário, disputou-se entre o Ideal Futebol Clube e o Águia Futebol Clube e saldou-se igualmente num

empate, mas a uma bola. Desta vez o repórter deu-nos a constituição das duas equipas. Ideal: Buraca (António Santos), Alfredo (capitão), Fernandes, Barata, Olivério e Genuíno, Carreiro II, Eduino, Carreiro I e Pereira. Foi madrinha da equipa, Belarmina Dinis Nunes Coelho. Águia: Edmundo, Óscar, Mário, Morais II, Morais I (capitão), Faial, Albano, Puga, Correia, Fernando e Barata. Foi madrinha Maria do Carmo Medeiros Franco. Seguiu-se jogo entre o Marítimo e o Santa Clara, tendo o primeiro vencido o último por cinco a três. A bola estava no lado dos clubes, bem ou mal, a autarquia acabara de cumprir a parte que lhe competia. Era imperioso entrar na Associação de Futebol de Ponta Delgada, mas era necessária a sua oficialização.

Oficialização do Ideal e do Águia: gémeos rivais

Em 1948, escrevia-se no *Correio dos Açores*, que o Águia e o Ideal estavam 'em vésperas de serem oficializados' na Associação de Futebol de Ponta Delgada [passou a denominação de S. Miguel para de Ponta Delgada].³⁹ Em Outubro daquele ano, informava-se no Açores que estes ultimavam o seu processo de candidatura.⁴⁰ Todavia, em Agosto de 1949, tal não se verificara: 'Foi, há muito, propalada a notícia de que os dois - clubs- locais tinham os seus Estatutos aprovados e que seriam brevemente inscritos na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Tal facto, porém, não se deu, até hoje, e estamos sempre na mesma: cada um dos grupos só tem em vista derrubar o outro, sem qualquer ideal que não seja a vingança e contra-vingança. Estas circunstâncias são bem contrárias ao espírito e finalidade do desporto e à superior orientação que, por o país, lhe estão dando!'⁴¹ Oficialmente, só a partir de Junho de 1951, o Ideal decide pedir a sua adesão (o Águia também) à Associação de Futebol de Ponta Delgada, como se depreende de acta

assinada pelo seu Presidente, Artur de Medeiros Brilhante. Assinam igualmente Manuel Nunes Coelho, presidente da Assembleia Geral, António Augusto da Mota Moniz e Manuel António Cansado Chorão. A Direcção era constituída por Artur de Medeiros Brilhante, Humberto Miranda, Carlos Cristiano Pacheco, Manuel dos Santos Gouveia e Aurélio Aires da Ponte Furtado. O Conselho Fiscal era formado por Domingos Amaral, Manuel de Sousa Silveira e Álvaro Cordeiro. Vem datado de 19 de Outubro

de 1951. Conhecem-se, de facto, quer para o Ideal quer para o Águia, estatutos de 1951. Ideal e Águia, de acordo com a acta n.º 11, fl.33, lv.12, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, de 11 de Dezembro de 1951, são a partir daquela data admitidos. A acta reza assim: '(...) foi aprovada por esta Direcção a filiação dos Clubes da Ribeira Grande, Águia Futebol Club e Ideal Futebol Club.' Porém, em Outubro de 1952, de acordo com a Acta n.º 2 da mesma Associação de Futebol, os dois clubes ribeiragrandenses, apesar de filiados não podem ser considerados inscritos.

A Fusão dos gémeos rivais: em busca de melhores perspectivas

Estariam, com a inauguração do Campo de Jogos Municipal e com duas equipas minimamente estáveis, em princípio, reunidas as condições para que finalmente o futebol pudesse medrar na Ribeira Grande ao nível de Ponta Delgada e da Lagoa, contudo, tal não viria a suceder nos tempos mais próximos. Faltavam recursos aos clubes e os contingentes continentais haviam há muito regressado a casa. Além de que, muitos jovens à procura de melhores condições de vida rumaram a Santa Maria, à Terceira, ao Canadá e aos Estados Unidos, os novos 'El Dorados'. A realidade era dura. Apesar do novo campo e apesar de melhoramentos nos dois clubes rivais, face à realidade de Ponta Delgada e mesmo à da Lagoa, nesta última Vila o Grupo Recreativo e Desportivo os Leões fora admitido como membro da Associação de Futebol de Ponta Delgada em 25 de Novembro de 1947 e o Club Operário Desportivo em 9 de Março de 1948, além do mais, o Campo da Mocidade Portuguesa, na Lagoa, havia recebido beneficiações em 1948, o Campo Marquês Jácome Correia fora inaugurado em 23 de Janeiro de 1946, o futebol na Ribeira Grande não 'atava nem desatava'. Por

consequente, com o manifesto desejo de tornar mais competitivo o futebol local, um grupo de ribeirãograndenses, entre os quais a autarquia local e o Padre Edmundo Pacheco, que viria a ser o futuro Presidente do novo clube, propõem a reunião do Águia e do Ideal. Para este fim, a

quarenta, chegando mesmo o último a ser campeão, as da Ribeira Grande marcam passo. Águia e Ideal, apesar dos esforços, tardam em entrar na Associação e quando o conseguem descobrem as suas 'pocas forças', decidindo por isso juntar-se. Na de quarenta, enquanto o corpo expedicio-

AFPSM. A 8 de Maio de 1929 inscreve-se o Águia Sport Club. Também naquele mês e ano consta o Artista Sport Club. Pouco depois diz-se que os clubes da Ribeira Grande, por não terem apresentado a documentação exigida, não estão inscritos. A acta de 24 de Dezembro de 1929 da AFPSM refere a expulsão dos clubes União

¹³ Correio dos Açores, 8 de Outubro de 1933, fl. 4.

¹⁴ Correio dos Açores, 28 de Outubro de 1933, fl.4.

¹⁵ A Razão, Ribeira Grande, 31 de Outubro de 1933, fl.3.

¹⁶ AFGP, Ofício dirigido à Empresa Tomaz & Peixoto, 9 de Janeiro de 1934

¹⁷ O Distrito, 7 de Julho de 1934.

¹⁸ Arquivo Museu da Ribeira Grande, Fundo Peixoto de Oliveira.

¹⁹ O Distrito, 23 de Junho de 1934.

²⁰ O Distrito, 7 de Julho de 1934.

²¹ Diário dos Açores, 30 de Abril de 1938, fl.2; 31 de Agosto de 1940, fl.3.

²² A Ilha, 30 de Novembro de 1940, fl.11.

²³ (João Luís Medeiros) Nasci em 1919. Em 1928/29 fui para o Liceu estudar. No meu 4.º 5º Ano fui jogar para o União Micaelense, que era, grosso modo, constituído por estudantes, e já estava lá a jogar quando assisti por diversas vezes em Ponta Delgada a vários jogos de uma equipa da Ribeira Grande, a que chamavam 'Grupo dos Padeiros'. Neste jogava gente da Conceição e da Matriz, da rua do Saco. Lembro-me que o Santos e o Humberto Capelas jogavam aí. Comecei a jogar com 17/18 anos, portanto, deveria de ter sido por volta de 36.'

²⁴ Diário dos Açores, 15 de Março de 1941.

²⁵ Diário dos Açores, 15 de Março de 1941.

²⁶ Diário dos Açores, 12 de Abril de 1941.

²⁷ A Ilha, 29 de Março de 1941, fl.10.

²⁸ Diário dos Açores, 24 de Dezembro de 1941.

²⁹ Diário dos Açores, 15 de Janeiro de 1942, fl.2.

³⁰ AMRG, Livro de Actas, liv.78 – 9.06.1948 – 28.02-1951, fl.98v..

³¹ AMRG, Actas, Iv.78.

³² Correio dos Açores, 13 de Dezembro de 1949, fl.3.

³³ A Ilha, 17 de Dezembro de 1949, fl.4.

³⁴ Diário dos Açores, 30 de Junho de 1951, fl.1.

³⁵ Correio dos Açores, 8 de Julho de 1951.

³⁶ Diário dos Açores, 30 de Junho de 1951, fl.1.

³⁷ Correio dos Açores, 8 de Julho de 1951.

³⁸ Idem.

³⁹ Correio dos Açores, 18 de Fevereiro de 1948, fl.3.

⁴⁰ Açores, 26 de Outubro de 1948, fl.1.

⁴¹ Diário dos Açores, 6 de Agosto de 1949, fl.2.

⁴² Correio dos Açores, 8 de Outubro de 1932, fl.2.

⁴³ Correio dos Açores, 15 de Março de 1933.



Caldeiras, boda do carneiro. Martiniano Botelho Faria, o "doente" do Ideal que ofereceu o carneiro, ladeado pelos troféus conquistados pelo clube até inícios da década de 40.

Assembleia Extraordinária do Ideal, de 30 de Abril de 1956, discute e delibera "(...) a fusão desta agremiação desportiva à do Águia Futebol Clube (...). A maioria dos sócios presentes em número de vinte, concordaram na referida fusão, a qual deverá actuar no início da próxima época.' Assinaram: Manuel Nunes Coelho (presidente da Assembleia) Jaime Melo, Jaime Oliveira Rocha, José Francisco de Melo, Artur Medeiros Brillhante, Francisco Leite Ribeiro, Luís Augusto da Ponte Furtado, entre outros. Nem assim, como veremos em próximo trabalho, seria suficiente.

Fio condutor

Porventura o fio condutor que perpassa por todo o esforço de organização do futebol da Ribeira Grande, desde que o futebol passou a ser jogado na ilha, será o manifesto desejo de estar a par do desenvolvimento futebolístico de Ponta Delgada. Só o conseguiria timidamente na década de sessenta e decisivamente a partir de meados da de setenta, para entrar em declínio nos inícios da de noventa. O fracasso da década de trinta provocaria um autêntico trauma e, por certo, explicará o atraso nas três décadas seguintes. A partir de então, nunca mais seria tentada a criação de organismo idêntico na Ribeira Grande. Na de quarenta e na de cinquenta, tenta-se dar novo fôlego, a par das equipas da Vila da Lagoa, de balde. Enquanto que Leões e Operário conseguem-no na de

nário esteve estacionado na ilha, abundavam recursos humanos, mas faltavam os económicos. Após este período, faltaram recursos humanos e continuaram a faltar os económicos. Muitos jovens ribeirãograndenses migraram para as Ilhas de Santa Maria e Terceira, alguns de reconhecida valia, como é o caso de António Teófilo. Ou até para a Lagoa, no caso de Manuel Câmara Correia, onde encontram emprego na fábrica. Ou emigraram para o Canada e Estados Unidos. Novo falhanço, como veremos em próximo artigo.

Nota: Quero, desde já agradecer ao senhor Abílio Batista, Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada, a amabilidade em ter-me franqueado as portas do seu arquivo.

(continua)

¹Tal como Ideal Novo, assim designado por António Santos, Manuel Correia da Silva e outros, para distingui-los no tempo.

² O Distrito, 22 de Novembro de 1933.

³ Correio dos Açores, 10 de Novembro de 1933, fl.4.

⁴O Distrito, 2 de Dezembro de 1933.

⁵O Distrito, 17 de Janeiro de 1934.

⁶A Razão, 31 de Janeiro de 1934, fl.2.

⁷ AAFFPD, Acta n.º 1, fl.1, Iv.1, 14.04.1923. Em Abril de 1923 o Açor Sport Club da Ribeira Grande já estava activo. E em Agosto daquele ano o Praia. Em Setembro o Estrela Sport Club. A 28 de Novembro o Praia Sport Club pede a sua adesão à

Micaelense e Clube Desportivo Santa Clara. Naquele mês já existe a Liga Desportiva Micaelense onde estão inscritos o Praia e o Artista. Daremos mais pormenores em próxima edição.

⁸Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, ofício da Liga Desportiva da Ribeira Grande, 21 de Abril de 1933.

⁹A Razão, 30 de Novembro de 1933

¹⁰ O Distrito, 31 de Janeiro de 1934.

¹¹ O Distrito, 23 de Junho de 1934.

¹²Diário dos Açores, 8 de Julho de 1933, fl.2.



Equipa do Ideal da segunda metade da década de 40 no campo das reses. Em pé, da esquerda para a direita: Alfredo Machado (Relojoeiro), Olivério Santos (Buraca), Fernando Maia (Cavalo Maluco), António Fernandes, Manuel "Genuíno" e Manuel Carreiro; de joelhos, da esquerda para a direita: Manuel Pereira (Frigideira), José Joaquim Santos Pereira (Quim), António Santos (Buraca), Manuel Moço e Eduíno Salé (Maquia)

Adenda: chega ao nascimento do Ideal

É pouco provável que tenha existido um Ideal com alguma expressão e relevo antes de Abril de 1933. Se não vejamos. Recuemos um pouco no tempo. Deixamos de ouvir falar na imprensa de equipas da Ribeira Grande a partir de 23 de Junho de 1930. A partir de Outubro de 1932, pela pena do correspondente local do Correio dos Açores, chegam alguns ecos ténues do futebol que se praticava então aí: 'ultimamente tem havido entre nós alguns desafios de Foot-ball, que geralmente terminam em verdadeiras touradas.'⁴² Será deste período os jogos inaugural e a

desforra entre o Ideal e o Águia que Hermano Ferreira Grota nos referiu? É plausível supo-lo, todavia, não temos provas documentais. Agora demos um salto no tempo. Em Março de 1933, anunciava-se que o Águia Sport Club, o União Sport Estrela, o Grupo Desportivo da Ribeirinha e o Praia Sport Club estavam inscritos no Primeiro Campeonato de Vilas e Aldeias. Os três primeiros, tal como o Ideal fariam parte da Liga Desportiva Ribeirãograndense. Porém nem uma palavra ao Ideal.⁴³ Aliás, como já vimos, só a 21 de Abril de 1933, surge uma referência ao Ideal Sport Club. A ter existido um Ideal antes desta data, ele não teria expressão ou peso

para participar naquela prova. A ter existido. Alguns dos jogadores do Ideal que surgem na fotografia de Outubro de 1933, o Sr. Luís Gamboa diz que se trataria da estreia dos equipamentos novos, como José Maroto e Laurindo Carreiro, representam em 1929 o Artista Sport Club, em 1930, o Pátria Football Club. Alguns dos futuros directores do Ideal, como Manuel de Sousa Pereira, em 1929 é vogal da Direcção do Águia Sport Club e Arsénio da Silva Bravo, naquele ano, é secretário do Artista Sport Club.

Em carta de Jersey City, Estados Unidos da América do Norte, datada de 1996, Manuel Sousa Miguel, uma espécie trovador do Ideal, nascido a 3 de Dezembro de 1915

numa rua próxima da primeira sede do Ideal, mudando-se mais tarde para aquela rua, na Matriz, que, ao que parece, bem conheceu os primeiros passos do Ideal, adianta uma versão próxima das que na última edição publicámos. Escreve ele que 'o Manuel 'Arrenca', Manuel Teves Morgado, morador na rua Eduino Rocha, foi daqui da América que levou uma equipa de lâ verde e branca e um grupo de rapazes compraram-na e formaram um grupo com o nome Ideal. O primeiro clube foi na rua Direita de Santo André, numa casita do Hermano Grota, que foi jogador (...).'

Em busca do Ideal II: a memória oral

Renascimento: 'Ideal Novo'

Introdução:

Tal como sucede para o início do Ideal Velho, o do Ideal Novo também surge envolto em arrelhiadora sombra. A primeira referência escrita conhecida a este Ideal Novo vem a lume no Diário dos Açores de 15 de Março de 1941. Deixando, contudo, subentendido que este poderia estar activo em data anterior. Quando? Não sabemos.

A fazer fé nos testemunhos de Manuel Correia da Silva, António dos Santos, Aureliano Morgado e José Joaquim Pereira, atletas do Ideal Novo, que adiantam a idade que 'acham que deveriam ter à altura', o Ideal Novo teria dado os primeiros passos, respectivamente, 1940, para o primeiro, 1935/36, todavia, mais à frente, diz 1939/1940, para o segundo, 39/40, para o terceiro, e 1939 ou 1940 para o último. O que não andarà muito longe da sobredita nota escrita.

Ainda de acordo com os mesmos testemunhos, terá havido um primeiro e ainda incipiente grupo, no dizer deles 'mal organizado', algo como um embrião, em torno de Manuel Correia da Silva e Manuel 'Milho Cozido', dois jovens que, à época, ainda

não tinham cumprido o serviço militar. Ambos acompanharam o Ideal Velho. A sede informal deste núcleo do Ideal Novo teria sido na loja do pai do último. Terá tido, antes ou depois, nem todos se recordam ou são concordantes, sede no n.º 10 da rua do Botelho. António dos Santos, inclusive, alude a uma outra, na rua do Passal, na casa do Sr. José Cabral. O mesmo já nos tinha sido indicado pelo Sr. Renato Ponte. O arrendamento da casa da rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59,¹ terá marcado uma viragem qualitativa na organização do clube, tendo aderido ao grupo inicial um lote de adeptos mais velhos, entre os quais, Manuel da Costa Morais e Manuel de Sousa Pereira, elementos que pertenceram ao Ideal Velho. A estes juntaram-se outros, Guilherme do Rego Teixeira, irmão de Manuel do Rego, que não obstante ser mais velho, não participou na fundação do Ideal. De novo, sempre de acordo com os nossos testemunhos, teríamos Mestre Manuel da Costa Morais a fazer as botas e o seu cunhado Mestre Manuel Leite (Paiva Cabral) nas bolas.



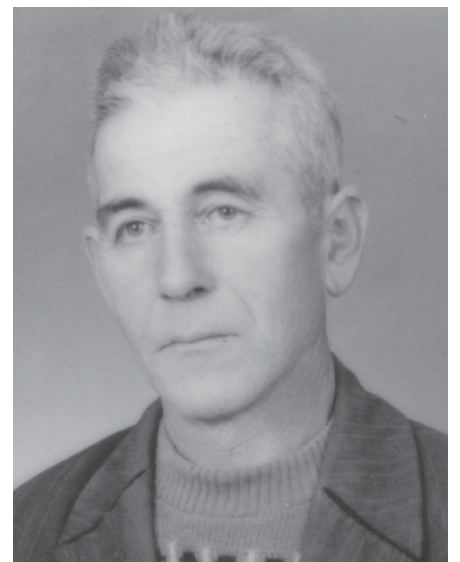
Álvaro dos Santos Raposo Moura



Manuel Correia da Silva



Óscar Vitória



Aureliano Morgado

Diálogos: versões

Como surgiu o Ideal Novo, de onde vieram os equipamentos?

Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996. Nasceu na Matriz em 15.11.21) Na altura (o Ideal Velho) estava aberto, ao depois acabaram. (Porquê?) Tinham falta de dinheiro ou qualquer outra coisa. Quem mandava era o Sr. Gil (Gildo) Furtado (...) (ele) tinha uma loja na rua das Pedras (rua de Sousa e Silva, n.º 19). Ao depois foi do Cebola (Sr. José de Sousa Aguiar). O Ideal foi fundado por ele e acabou por ele.

(O Ideal Novo) Primeiro era o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares Melo). Ele esteve comigo na tropa, éramos muito amigos. Era ele quem arranjava os jogos nas Capelas. A gente juntava-se lá na loja dele (rua El-rei D. Carlos I, n.º 28). Bonitos tempos. Jogávamos em serrados. Era um grupo de rapazes. (Testemunho, 13.05.2002) Um grupo de rapazes que brincava com as suas camisas e botas. (Testemunho, 1996) Depois, isso já foi em 1940. Eu já não sei, mas acho que foi em Vila Franca (do Campo). Foi uma coisa barata, porque, para dizer a verdade, até ele me queria oferecer. Ele disse-me, para que é isso? E eu disse, é para dar a esses rapazes que estão brincando para aí. E esse Buraca (António Santos), como é muito jeitoso para guarda-redes, como a gente vá jogar às Capelas. Se quiserem levar isso consigo podem levar. E foi assim. (Testemunho, 13.05.2002) Comprei umas joalheiras para o António Buraca na loja do José 'Cebola' (José de Sousa Aguiar: rua de Sousa e Silva, n.º 19). Camisas e joalheiras ao Gildo Paiva.² Não me lembro quanto.

António dos Santos: (Testemunho, 29.08.1996) Tinha 17 para 18 anos (nasceu em 26.12.1919) quando o Ideal abriu de novo. Quem o abriu foi o Manuel 'Milho Cozido'

(Manuel Moniz Soares de Melo nasceu na Matriz a 31 de Dezembro de 1921, era filho de João Soares Melo e de Hermínia Moniz Teixeira. Casou em Água de Pau e pouco depois foi para o Brasil e daí para as Bermudas para de novo regressar ao Brasil onde faleceu, segundo um sobrinho, com cinquenta e cinco anos feitos. Esteve na tropa com o Sr. Manuel Correia Moniz) e o Manuel Correia (nasceu na Matriz em 15.11.21). (O primeiro equipamento?) Foi feito na fábrica (Ribeirinha), as camisas de meia que deram tinta verde. Toda verde e os calções pretos (metade verde e metade branca?) Não, toda verde e com o emblema do Ideal. Foi o Manuel Correia (da Silva) e o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares Melo) que compraram as camisas todas brancas e pintaram-nas de verde. Ao depois então é que veio o 'Garrida' (Manuel de Sousa Pereira) e outros mais. Então é que compraram essa fazenda para fazer a 'equipe' (Metade verde e metade branco). Ao cabo de anos é que veio aquela como o Sporting. Esse verde estragou dois ou três panos brancos, e o verde sempre bom. (e o seu equipamento de guarda-redes?) O Gildo (Furtado Paiva) é que tinha a camisa e um par de calções. Era branca (pertencera ao Ideal Velho) e tinha emblema. Os peúgos eram todos pretos.

(Testemunho, 11.05.2002) O Manuel Correia (Manuel Moniz Correia da Silva) e o Manuel 'Milho Cozido' compraram camisas brancas e foram à fábrica da chita pintar de verde. Quando comecei a jogar no Ideal quem estava à frente eram eles. Eu ainda não tinha ido para a tropa (terá ido em 1939/40).

Aureliano Morgado: (Testemunho, 1.09.1996, nasceu em 3.09.1918) (quando passaram a Ideal?) (...) Fomos pedir ao Senhor Faustino (de Lima) para dar licença para a gente jogar para o campo (das reses), deram uns calções, botas velhas e coisas, e fomos

jogar para o campo. Daí então é que começou o Ideal. Eu estava na tropa. Fui em 39 para o quartel de São João, depois fui para as Furnas e para a Praia de Água d'Álto. (Quem estava à frente do clube?) Eu acho que ainda está vivo, um que fazia caixões, que está no Asilo (...) Isso o Guilherme do Rego (Guilherme do Rego Teixeira nasceu na Matriz a 27 de Março de 1908 e faleceu a 16 de Novembro de 1994. Era irmão de Manuel do Rego, mas não participou no início do Ideal). E mais. Eu lembro-me mais desse. Outros que tiravam os retratos lá dentro (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). Antes era rapazes contra rapazes nos serrados. Quando entrou a direcção (...) o Manuel da Costa (Morais), o Manuel 'Milho Cozido', ao depois começou a entrar outros mais altos para dentro também. (Testemunho, 13.05.2002) A gente jogava nas terras e fomos falar com o Senhor Faustino (de Lima), que tinha loja na rua Direita (rua de Nossa Senhora da Conceição, n.º 28-32), para pedir para jogar no campo das reses. A gente comprou camisas de meia brancas e botas velhas que o Mestre Manuel da Costa (Morais) consentava.

José Joaquim Pereira: (Testemunho, 24.09.1996. Estava a residir em Setúbal. Nasceu em 1922, em São José, Ponta Delgada. Já faleceu) Estava no 7.º Ano, em Ponta Delgada, com 17, 18 anos e já estava a jogar em 1939/40. Joguei até aos 29 anos a aproximar-me dos trinta. Deram-me um pontapé no joelho e deixei de jogar. Parece que foi o Morais (jogador do Águia) e dizem que foi de propósito.

Oscar Vitória: (Testemunho, 11.05.2002) As camisas eram de meia pintada de verde. Todas verdes. Os calções e os peúgos eram pretos.

Abel Soares: (Testemunho, 31.08.1996, nasceu no Algarve) Vim para a Ribeira

Grande na tropa em 1941, no Inverno. Vinha pela rua Direita fora e distingui do Sporting a bandeira do Ideal. Passei a logo a ser sócio.

Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996) O equipamento já não foi comigo, foi com o Manuel da Costa (Morais). (Que idade tinha?) Nessa altura tinha aí 19 anos. Foi antes de ir para a tropa. Fui em 1942 (incorporado em 30.10.42). Nessa altura o Ideal (Novo) já estava formado.

As botas e a bola?

António Santos: (Testemunho, 11.05.2002) Eu jogava para as Capelas com as botas da tropa. Ou sapatos velhos nos pés. Quando chegava a casa a minha mãe lavava e dava lustro para eu ir para a cidade (esteve 9 meses a um ano no quartel de São João, em Ponta Delgada). Era Ideal, mas mal amanhado, antes da entrada do Manuel 'Garrida' (Manuel de Sousa Pereira). Quando ele entrou, ele veio ter comigo mais o Manuel da Costa (Morais) ao quartel de São João para tirar as medidas para as botas. Nessa altura, o clube e tudo passou a ser como deve ser. Já era na rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). A bola, a maioria, era feita pelo José Leite (José Paiva Cabral). Havia uma nova, de fora, até o José Correia (guarda-redes do Águia) tinha medo dela. As outras eram às vezes cada 'bexiga'.

E a sede?

António dos Santos: (Testemunho, 29.08.1996) Não havia clube, era na própria loja do 'Milho Cozido'. Quando entrou o cabo 'Garrida' é que se arrendou aquele clube (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). Lembro-me do clube estar na rua do Gouveia, ao pé do Mestre Eduíno (rua Conde Jácome Correia, n.º 59). Era uma casa pequena, não tinha loja. E ao lado do 'Garrida', na casa do Sr. Cabral (rua do Passal, n.º 24?). Um quarto



José Joaquim dos Santos Pereira (Quim)

pequeno. Nunca entrei lá, era uma criança. (Não se lembra do clube ter estado na rua do Botelho)

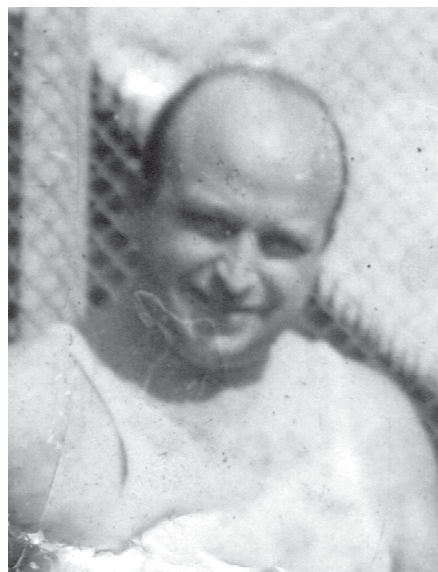
Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996) (na rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59) Isso já foi com esse Manuel da Costa (Morais). Ele é que fundou isso. Ele é que fez aquele clube. (e antes?) Aqui e ali. Lembro-me do Manuel 'Milho Cozido', o pai tinha uma taberna na rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 28). Era aí que se combinava os jogos nas Capelas e aí que os jogadores se vestiam. O Manuel 'Garrida' tomava conta do clube novo.

Oscar Vitória: (Testemunho, 11.05.2002,



Guilherme do Rego Teixeira

nasceu em 27.04.1924) Quem armou o Ideal Novo foi o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares de Melo), tinha uma loja onde hoje mora o Viriato Moreira (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 28). Nessa altura o clube era num quarto da casa da 'Bica' (Beatriz da Silva Horta, rua do Botelho, n.º 10). Um quarto de baixo. Eu tinha para aí uns 15 anos, mais ou menos. Tinha duas meia-portas e a de cima era de vidro. O piso era de terra batida. Era só um quarto Fizeram prateleiras para colocar as botas e os equipamentos. O contínuo morava duas casas acima do Asilo das Meninas (rua do Botelho, n.º 35). Era engraxador. Puxava por uma perna. Chamava-se Manuel da Ponte? Era só para



Manuel Soares de Melo (Milho Cozido)

vestir e despir. Teve lá mais de ano. De certeza. Ia jogar para a Lagoa e Capelas. Ia em carroças. A do meu padrinho Vargas e a do Tio João Lagoa.

Álvaro Moura: (Testemunho, 28.01.1996. Nasceu na Conceição em 1 de Novembro de 1927) Comecei em criança, talvez dez, onze anos, a ir para o campo dos porcos. Ou menos. (Testemunho, 17.08.1996) (...) (Nessa altura o Águia estava aberto?) Estava aberto porque os tropas vieram para aqui em 39 ou 40, o Ideal já estava ali por cima dos moinhos (rua El-rei D. Carlos I, n.º 59). O Dr. José Tavares é quem arrendou a 50\$00 em 1931 (?), depois a 100\$00 e quando

ele faleceu estava a 200\$00. Ficaram todos contentíssimos. Na altura era Presidente o Manuel de Sousa Pereira, o cabo 'Garrida', da Junta Geral, o Manuel da Costa Morais, sapateiro, e o Guilherme do Rego. Reconheço estes. Se havia mais alguém, não sei. O Jaime Paulo esteve quando o clube foi para a rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I). O Manuel da Costa é quem recebeu a chave. Antes disso o Ideal tinha uma sede, um quarto mal amanhado na casa da Beatriz 'Bica' (da Silva Horta), na rua do Botelho (n.º 10). Esteve na casa do Hermano Grota, segundo me disseram os mais antigos.

¹ Fora sede do Jornal 'Ecos do Norte', de Ezequiel Moreira da Silva, sendo depois tenda de Mestre Carlos Araújo, marceneiro. Actualmente faz parte do gabinete do Eng.º António Tavares Vieira.

² Manuel 'Arrenca', aliás, Manuel de Teves Morgado, nasceu ainda no século XIX, na freguesia da Conceição, segundo uma sobrinha, esteve nos Estados Unidos da América do Norte, talvez na área de Boston, de onde regressou, não se lembra quando, e foi residir para a casa dos pais, rua Eduíno Rocha, onde mais tarde residiu o Sr. Maia. Também não se lembra de ouvir o tio ou o pai referir que teria sido ele a trazer o equipamento do Ideal. Foi porteiro do Hospital da Ribeira Grande até falecer. Faleceu a 30 de Novembro de 1973. Manuel de Sousa Miguel, em carta dos USA de 1996, confirma Manuel de Teves Morgado.



Equipa que ganhou o carneiro. De pé, da esquerda para a direita: Manuel Lopes, Frigideira, Eduíno Maquia, Cristiano, Quim e José Furtado; de joelhos, da esquerda para a direita: António Barata, Alfredo Machado, António Santos, Manuel Carreiro e Duarte Amaral



**Junta de Freguesia
Ribeira Grande
MATRIZ**



APOIAMOS O DESPORTO